



GEBARA, Ivone; MO SUNG, Jung. **Direitos humanos e amor ao próximo: textos teológicos em diálogo com a vida real.** São Paulo: Recriar, 2020. 200p. ISBN 978-85-53107-64-3

Priscila Alves Gonçalves Silva *

A obra *“Direitos humanos e amor ao próximo: textos teológicos em diálogo com a vida real”* é a produção mais recente de Ivone Gebara e Jung Mo Sung. Em regime de coautoria, esses dois representantes da teologia latino-americana crítica, Ecofeminista e da Libertação, apresentam um compilado de suas produções vitais mais amadurecidas, ao mesmo tempo que inovadoras.

Ivone Gebara, teóloga, filósofa e romancista, articula suas proposições a partir de referenciais teóricos ecofeministas, e desenvolve suas reflexões com uma liberdade poética, que confere aos seus textos uma leveza incontestável, apesar da densidade das temáticas abordadas. O produto final de Ivone neste livro parece resultar da junção da necessidade de ordenar toda a sua complexidade epistêmica com a poesia, fazendo uso do que podemos chamar de maiêutica como método principal. Ou seja, partindo da matéria-prima extraída de suas observações e vivências cotidianas, ela traz à luz questionamentos sólidos acerca de estruturas históricas, sem objetivar o estabelecimento de novas verdades absolutas. Como ela mesma aponta, sua contribuição significa apenas alguns rabiscos feitos “na

Resenha recebida em 28 de fevereiro de 2020 e aprovada em 11 de março de 2020.

* Mestra em Ciências da Religião (UMESP). País de origem: Brasil. E-mail: priscilapromotora@yahoo.com.br

tentativa de aprendermos uns dos outros os ensinamentos cotidianos de nossas vidas” (pág. 20).

Em uma proposta similar, Jung Mo Sung, Teólogo, também Filósofo, se lança na tentativa de semear horizontes possíveis e pavimentar caminhos novos para abordar temáticas já trabalhadas. Consolidado como um dos nomes mais importantes dos estudos acerca de Religião e Economia, Jung retoma as temáticas próprias de seu campo de pesquisa nesse livro, mostrando-se criativo no que tange ao seu processo de aprendizado e ensino. Iluminado por teóricos de diversos campos de conhecimento como Giorgio Agamben, Franz Hinkelammert, Gustavo Gutierrez e a própria Ivone, nota-se que sua teorização é objetiva, porém positivamente difusa. Ademais, a linguagem optada é mais delimitada pelas normas da Academia, quando compara à de Ivone. À rigor, percebe-se que Jung atualiza discussões basilares de sua trajetória como pesquisador e professor, abrindo um espaço relevante para abordar problemáticas emergentes como Imigração e Direitos Humanos, observadas e problematizadas por ele como sintomas da atualidade densa e complexa, que estamos todos e todas implicados. É sabido que as muitas regras e validações institucionais para a produção do conhecimento acabam criando grupos e blocos específicos para o, digamos assim, consumo dessa produção. Sendo assim, nota-se desde a introdução, que o livro é um convite para que todos e todas se aproximem das reflexões sem temer as intimidações dos muitos conceitos e novas perspectivas acerca dos temas cotidianos abordados, porém não necessariamente problematizados com naturalidade ou frequência pela maioria.

Em relação a estrutura, a obra foi dividida em duas partes, que juntas totalizam quinze capítulos. Ivone assina a primeira parte do livro, que é formada por dez textos. Todos eles foram produzidos em ocasiões diversas para grupos diversos. Ou seja, é possível identificar variações de formato, tamanho e linguagem nos textos, pois cada um deles foi pensado e gestado para comunicar incertezas várias a gentes diversas. Apesar dessas variações propositais, a liberdade poética mencionada anteriormente é a principal tônica de Ivone. Esse recurso linguístico

da poesia-filosófica (ou vice-versa) foi, em certo nível, operacionalizado para tornar a erudição de Ivone mais palatável ao grande público, mas também, acabou permitindo que a autora imprimisse na sua abordagem o enredamento e os rigores técnico-teóricos inerentes à sua formação, que leitores e leitoras mais exigentes estão habituadas e expectantes.

A segunda parte do livro, assinada por Jung, totaliza cinco textos. Ou seja, metade da compilação de Ivone. A disparidade numérica entre os dois justifica-se pela proposta didática distinta, e especialmente pela linguagem adotada por Jung, caracterizado pelo rigor científico. Sendo assim, os textos que compõem a segunda parte são mais homogêneos em termos de estrutura, organizados em formato de artigo científico. Uma característica interessante do trabalho de Jung, não somente nesse livro, bem como em toda a sua trajetória, é a utilização de experiências particulares como potências de seu trabalho como intelectual. Esse recurso é, aparentemente, uma forma de aproximar os leitores e leitoras das questões abordadas, promovendo uma sensação de concretude durante o exercício da leitura. A parte II é, sem dúvidas, produto de um pensador que foi moldado pela Academia, mas que pisou o chão da fábrica e compartilhou muitas incertezas e questionamentos de gente que compõe o *ochlos*. Os rigores científicos são, para Jung, aliados em vez de limitantes.

Essas diferenciações e apontamentos de particularidades entre as duas partes do livro não objetivam de forma alguma ressaltar algum dos dois autores de forma especial ou apontar um formato como mais oportuno que outro. Muito pelo contrário. A leitura integral dessa obra provoca, sobretudo, uma sensação de complementariedade. Ou seja, a contribuição dos dois é obviamente de um conteúdo tecnicamente adequado e responsável, mas também a obra em questão é um exemplo de que a Academia pode se utilizar de uma linguagem mais lapidada pelo poético sem perder o rigor; bem como a poesia pode ser desenvolvida a partir de marcos categóricos rigorosos sem perder a capacidade de mergulhar no íntimo e produzir beleza. Inclusive, os autores se utilizaram muito dessa característica de complementariedade, e o livro apresenta uma sugestão de leitura alternativa (p.

13), que propõe em vez de uma leitura sequencial, a intercalação de textos que apresentam temáticas similares a partir de duas perspectivas. Logo, a sugestão de leitura alternativa proposta permite que o leitor ou leitora se aproprie do conteúdo a partir de dois lócus diferentes, que se nutrem criativamente.

Sabendo que a presente obra aborda as temáticas que consolidaram tanto Ivone quanto Jung em suas respectivas áreas de saber, o que fica mais evidente em todo o livro são os deslocamentos sofridos pelos dois. Quando dizemos deslocamentos sofridos, queremos apontar que, de fato, o conteúdo do livro é também uma forma de “provocar o sentir” a respeito das novas dinâmicas sociais que, ao mesmo tempo em que pluralizam semânticas de sentido de vida, provocam retornos agressivos ao já dado. O livro provoca sentirmos os efeitos das relações de poder – antigas e decorrentes – sempre operadas para a naturalização de hierarquias que abafam potências criativas e tentam reduzir seres humanos a meros papéis sociais; também chama atenção para novas práticas decorrentes da divinização do Mercado e suas leis fundamentalistas, que acabam por desestabilizar a compreensão e aplicação dos chamados Direitos Humanos na porção Ocidental do planeta. A presente obra, nesse sentido, é um registro dos deslocamentos sofridos pelos dois, bem como é um tipo de documento que atesta a atenção contínua de ambos, os sentidos acautelados em direção aos clamores cotidianos, que são respostas diretas às estruturas nada mais que históricas.

Para além de toda essa sensibilidade em relação ao cotidiano, seus sujeitos e seus clamores, o livro é inteiramente influenciado pelo substantivo imprecisões, e seus sinônimos. Ivone e Jung pensam a partir da pós-modernidade – expressão para classificar o tempo presente sem entrarmos em discussões terminológicas –, no sentido de que suas elucubrações não deixam de considerar características da atualidade, como volatilidade, constante mutação de estruturas e relações, o tráfego e consumo desenfreado de informações, novas percepções do Sagrado, novas dinâmicas com o meio ambiente etc. Em suma, tanto os autores quanto suas abordagens teórico-temáticas nesse livro são influenciadas por essas atualizações

automáticas e impostas dos absolutos estruturantes de nosso *modus operandi*, e por respeitarem esse *topos* instável, os textos não se pretendem dogmáticos.

A obra, sem sombra de dúvidas, é produto de nosso tempo e destaca todas as variáveis que modelam o nosso cotidiano. Entretanto, cabe indicar que é clara a ideia dos autores de que todos e todas temos necessidade de certa segurança, de estabilidade, de respostas objetivas que transformam o cotidiano caótico e turbulento em um espaço-tempo, digamos, mais agradável e com sentido. A religião nesse contexto de incertezas, figura como uma fonte de pilares estabilizantes, o que não necessariamente é ruim. Sendo assim, o livro deixa bem claro que Ivone e Jung pensam a religião, especificamente o cristianismo, como um vetor de sentido da vida, porém é necessário que seus pressupostos e critérios sejam voltados para a defesa da dignidade de todos e todas, sem distinções. Inclusive, a parte que coube à Ivone também apresenta discussões bastante relacionadas à Teologia, que aparentemente estava um pouco adormecida nos seus escritos. Nesse livro, Ivone faz as pazes com a Teologia e suas categorias, porém deixando claro que o seu senso crítico está bastante calibrado. Destacamos os capítulos 2 (pág. 35), capítulo 4 (pág. 47) e o capítulo 10 (pág. 93) da parte I, como as “sínteses de si mesma”, a sua experiência tornada conhecimento acessível.

No caso de Jung, é sabido que seus escritos quase sempre priorizam a Teologia como o fundamento das proposições. Os cinco textos disponíveis são baseados em categorias e conceitos do campo de saber teológico, usados para debater temáticas “seculares”. Dentre os cinco textos, destacamos dois que revelam a ampliação das discussões propostas pelo autor durante sua trajetória. São eles o capítulo 12 (pág. 121) e o capítulo 13 (pág. 135), que tratam acerca dos Direitos Humanos e a Imigração, respectivamente, pensados a partir da radicalização do Neoliberalismo vigente. No capítulo 12, Jung demonstra como as leis de Mercado, a absolutização dos critérios relacionados ao modelo de produção e cultura capitalista promoveram o fim do consenso em relação aos Direitos Humanos. Partindo da figura do Papa Francisco e de sua retórica contra a radicalização do capitalismo, o autor argumenta que há um conflito latente de critérios e

paradigmas sociais, que demandam novas perspectivas da religião e também da política, onde o ser humano seja novamente visto como tal, e não como mero consumidor em uma sociedade que caminha à passos largos em direção ao transhumanismo.

No capítulo 13, Jung aprofunda como o “Mercado Livre” assumiu ares legislativos, ordenando as sociedades capitalistas a partir de critérios que não contemplam a dignidade humana como critério último de suas ações. Essa radicalização do poder legislativo do Mercado é pensada a partir de dois casos onde cidadãos nativos regulares são imputados como contraventores por prestarem auxílio a imigrantes irregulares. O que antes seria visto como solidariedade, foi interpretado como risco à segurança nacional. No bojo dessa novidade, Jung discute como as sociedades capitalistas estão baseadas em uma lógica teológica-neoliberal, e como a criminalização dos nativos regulares revela a necessária distinção de seres humanos para o bom funcionamento desta lógica. Neste capítulo ele discute que os imigrantes são tratados como não humanos, e a inclusão destes na sociedade é vista como um perigo porque são percebidos como inimigos. Não são inimigos convencionais, que disputam territórios ou riquezas, mas são tratados como tal por estarem à margem da humanização classificada pelo deus-Mercado: o consumo. Jung prossegue a reflexão inferindo que essa problemática tem sido resolvida por meio de sacrifícios, que podem apresentar duas naturezas: o sacrifício dos desejos de consumo ou o sacrifício de vidas humanas. Em geral, o segundo caso é a opção costumeira, e isso explica a criminalização de civis ao oferecerem ajuda aos indicados como inimigos da ordem social capitalista vigente. Esse capítulo, em conjunto com o anterior, ilustra como o fundamento social pautado nos Direitos humanos vem sendo paulatinamente minado e substituído pela lógica do Direito dos Consumidores. Os dois capítulos ressaltados conformam um passo inovador na produção intelectual de Jung.

Por fim, cabe dizer que, apesar da Teologia ser a pedra angular de todos os textos do livro, as conceituações inflexíveis, hermenêuticas institucionais e respostas definitivas não fazem parte dos escritos de Ivone e Jung. Por terem

proposto o acolhimento de dúvidas e incertezas como parte da vida humana e do processo criativo (pag. 9), parece que ambos o fizeram como método de escrita dos textos que compõem o livro, e, portanto, esse compilado não é indicado para os amantes de dogmática e sistemática. A obra é, antes de mais nada, uma pequena planta que tenta romper a força de um asfalto; produto do Sopro que ininterruptamente atinge Ivone e Jung, lançando-os sempre em direção ao cotidiano onde pulsa a vida real, que ilumina a teologia na mesma medida em que a teologia deve iluminá-la.